


Fluxos de confluência: a cianotipia como dispositivo de interpretação e tradução territorial

 10.64493/INV.22.13

Matheus Gonçalves
Departamento de Design,
Universidade de Brasília,
Brasília, Brasil

artigo recebido: 9.03.2026
artigo aceite para publicação: 20.04.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Gonçalves, M. (2026). Fluxos de confluência: a cianotipia como dispositivo de interpretação e tradução territorial. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.13>

Resumo

Este ensaio visual investiga o deslocamento do design para o corpo e o território, propondo a cianotipia como dispositivo de tradução das dimensões ontológicas do Rio Tapajós (PA). Através de doze registros, articula-se a “Cartografia Têxtil” como estrutura metodológica fundamentada no engajamento com materialidades locais e na escuta das tramas que compõem a região. O projeto desafia a captura convencional ao mobilizar a agência da radiação solar e a porosidade do papel, reposicionando o meio como memória tátil de encontros territoriais. Conclui-se que o design exige uma reorientação ética para práticas que operem com o território, reconhecendo o saber tradicional como um sofisticado sistema de resistência.

Palavras-chave: Design; Cianotipia; Cartografia Têxtil; Saberes Tradicionais; Territorialidade.

Abstract

This visual essay examines the displacement of design toward the body and territory, proposing cyanotype as a device for translating the ontological dimensions of the Tapajós River (PA). Through twelve records, it articulates “Textile Cartography” as a methodology grounded in engagement with local materialities and the narratives that shape the region. The project challenges conventional capture by mobilizing solar radiation and paper porosity, repositioning the medium as a tactile memory of territorial encounters. It concludes that design requires an ethical reorientation toward practices that operate with the territory, recognizing traditional knowledge as a sophisticated system of resistance.

Keywords: Design; Cyanotype; Textile Cartography; Traditional Knowledge; Territoriality.

Fluxos de Confluência: A Cianotipia como Dispositivo de Interpretação e Tradução Territorial

A prática do design, quando restrita à abstração dos processos técnicos, distancia o projetista da materialidade política dos territórios. No Pará, entre as margens de Santarém e de Alter, o exercício do design desloca-se para o corpo em movimento: o caminhar como método de apreensão fenomenológica e a cartografia têxtil como disciplina de escuta das tramas locais. Este ensaio articula a documentação fotográfica ao agenciamento entre a incidência solar amazônica, a química da cianotipia e a porosidade do papel. Ao pisar o território, o registro deixa de ser uma captura estática para tornar-se uma tradução visual que habita a fronteira da guerra geossocial proposta por Hilan Bensusan. Aqui, a confluência entre a técnica e as ontologias do Rio Tapajós produz imagens que são, simultaneamente, prova documental e vestígio sensível. O que se apresenta é uma narrativa de fósseis de luz, onde a fibra do suporte retém o atravessamento da matéria e a memória tátil do encontro.

A incorporação do Fluxo

A travessia exige um estado de prontidão no qual a cartografia têxtil organiza o entendimento do rio como uma malha de forças vivas. O barqueiro e o capitão não apenas conduzem a embarcação; eles emanam um saber orgânico que se lê na tensão dos músculos e na precisão com que cortam o espelho d’água do Tapajós. Ao expor a emulsão química à crueza da luz amazônica, a porosidade do papel deixa de ser suporte para se tornar pele, retendo a umidade do ar e a saturação da paisagem. A imagem não descreve o rio, ela emerge do atrito entre a fibra do papel e o tempo dilatado da margem. É o resultado de um corpo que abdica da captura instantânea para se deixar atravessar pela correnteza, carregando consigo a luz que queima e habita o território.



Figura 1. A Brecha do Capitão: a borda natural de um barco. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).



Figura 2. O Devoto no Maresia 31: o monumento em movimento. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

Vastidão e o Manejo do Tempo

O horizonte amazônico não é um cenário a ser emoldurado, mas uma imposição cosmológica que desintegra a métrica linear do design eurocristão. Diante da diluição das margens, o rito não se inicia no ato, mas na biointeração com a demora: o tempo aqui não é recurso, é território. Corpos e embarcações não “esperam” passivamente; eles adestram o tempo, estacionados na soleira de um devir que recusa a urgência do clique. No papel de alta gramatura, o embaçar das nuvens e o emaranhado de mastros revelam que a imagem é um contracolonização do olhar: ela não nasce da captura técnica, mas da intenção de quem se dispõe a habitar a própria ancestralidade antes da revelação química. A cianotipia registra, assim, não a paisagem, mas a confluência da luz da luz na porosidade da fibra, provando que a verdadeira imagem é aquela que se planta no tempo para colher o sagrado.

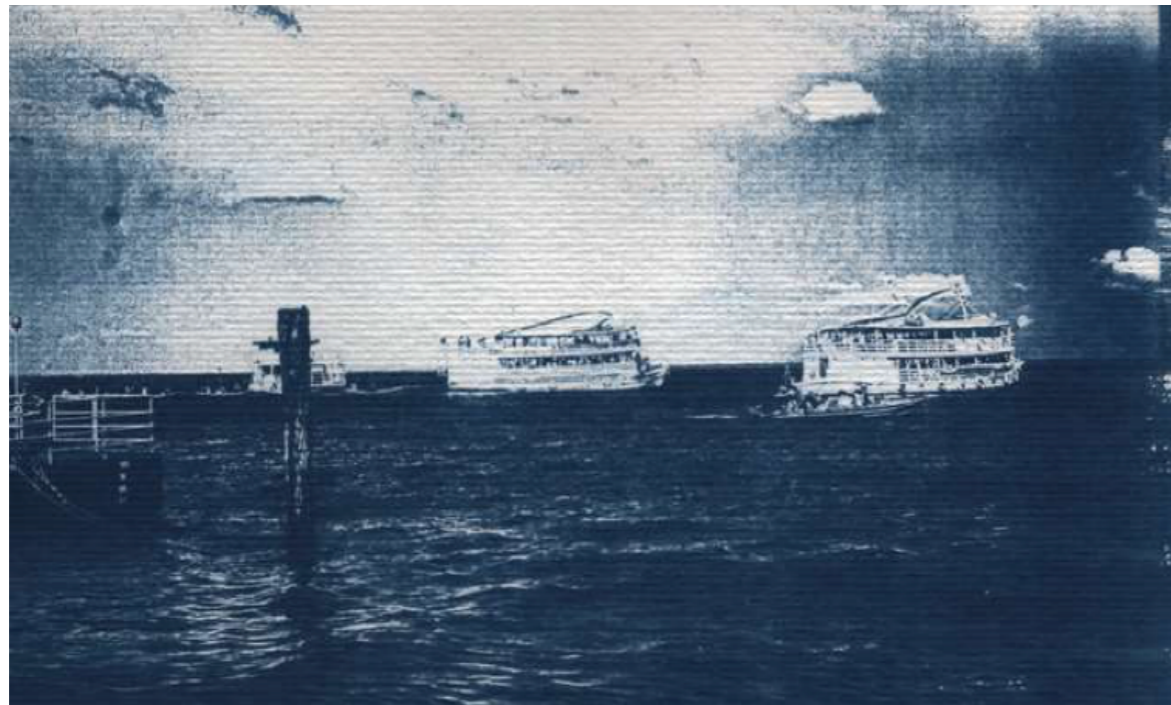


Figura 3. A Diluição da Margem: o horizonte como espelho químico. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).



Figura 4. A Soleira do Rito: a vibração do que está por vir. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

A Imersão em Fluxo e Raiz

A imersão profunda no território exige, antes de tudo, a dissolução da análise prévia. Há um instante preciso em que o olhar do forasteiro estaciona diante da escala monumental do rito; um momento em que a beleza do Tapajós transborda qualquer tentativa de métrica ou enquadramento técnico. É o encanto que precede o aprendizado, onde a imensidão das águas e o movimento das embarcações suspendem a razão para dar lugar à presença.

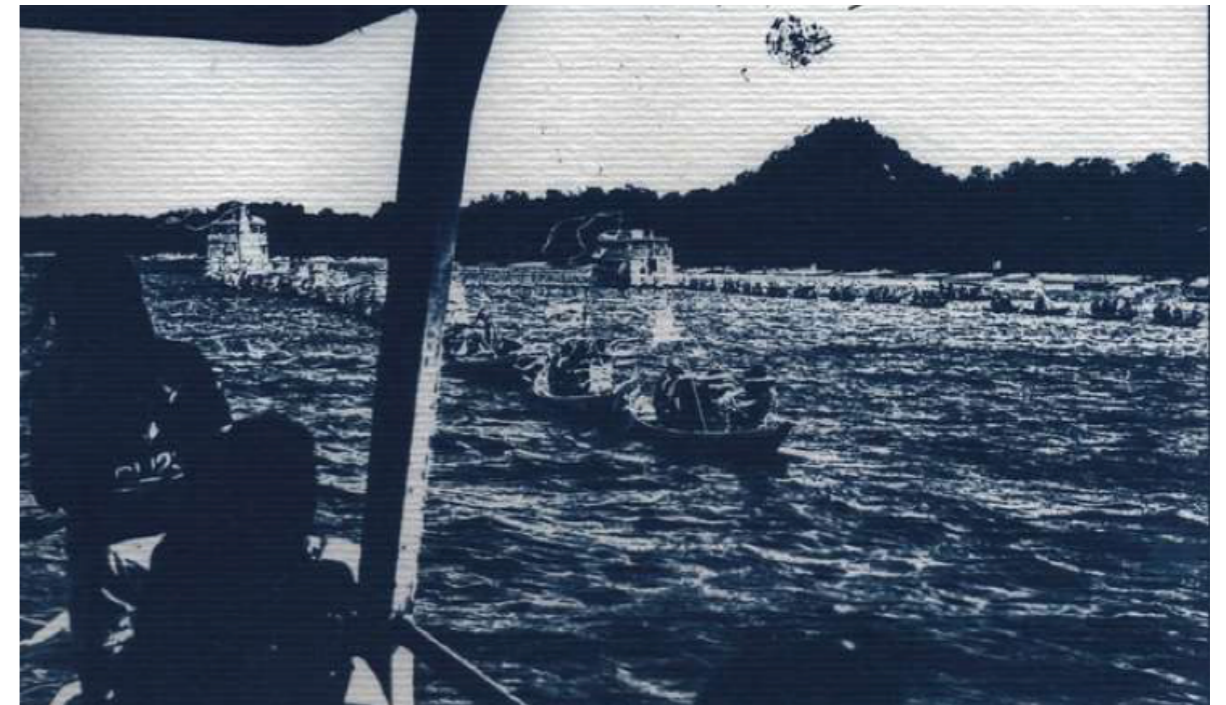


Figura 5. O Encanto do Forasteiro: a dissolução da análise. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

Deste espanto emerge a conversão em método: o caminhar torna-se a disciplina. Ao abandonar a linha de flutuação para seguir o rastro tátil da roça, o design converte-se em impacto sensorial: o calor latente do solo nas plantas dos pés e o atrito áspero da mandioca evidenciam uma tecnologia que opera na escala da vida. No azul da cianotipia, a mata torna-se trama e o pesquisador, contorno, permitindo que a temperatura do território transborde dos poros para o papel em um corpo-território que pulsa na frequência da terra.

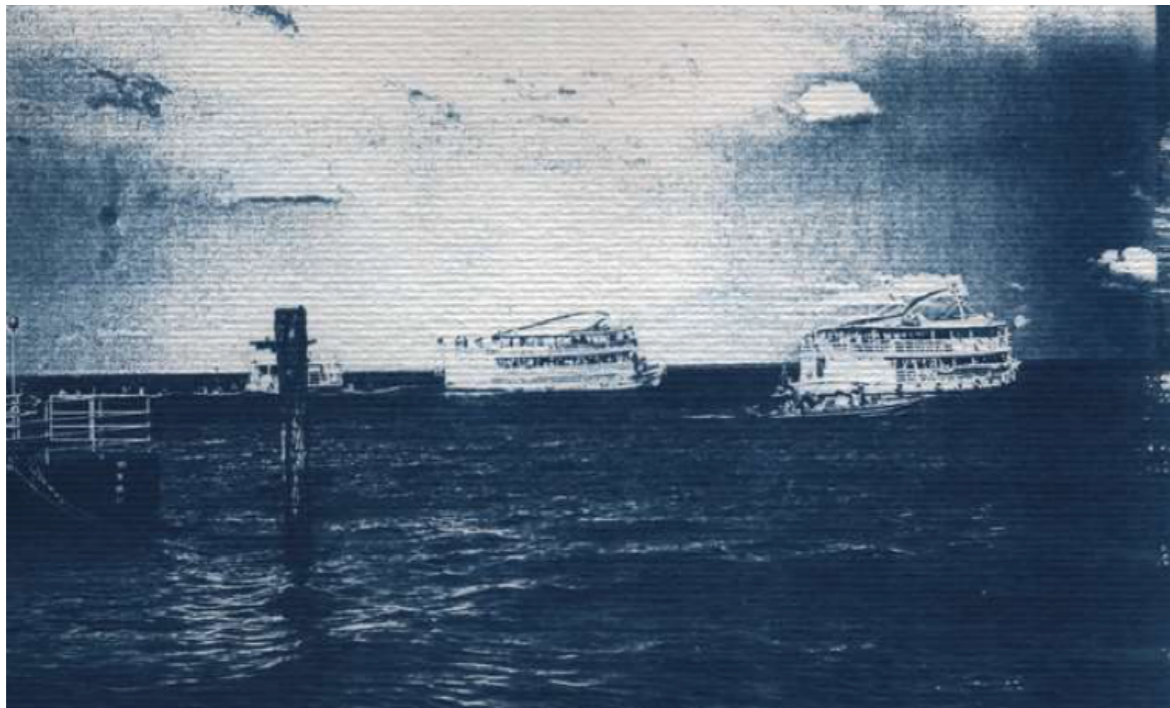


Figura 6. Caminhada à Roça: o rastro tátil do aprendizado. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

A Cosmopolítica do Chão

O existir de um território não reside apenas em suas fronteiras físicas, mas na capacidade de sua cultura simplesmente ser e se transmitir através do tempo. Na Aldeia Munduruku, a cartografia têxtil encontra seu ponto de repouso no rastro das crianças que habitam o solo em paz e na prontidão dos jovens que assumem o peso dos adornos e da tradição. O design aqui renuncia ao exotismo para reconhecer uma tecnologia da existência: onde a luz que queima a emulsão química é a mesma que aquece o chão da aldeia e ilumina a linhagem do fogo, consolidando um projeto geracional que se mantém vivo pelo toque e pelo exemplo.



Figura 7. A Cotidianidade do Chão: a paz do pertencimento. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).



Figura 8. A Linhagem do Fogo: a continuidade do saber. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

A autoridade Munduruku exerce-se pela distribuição do intangível. O Cacique Domingos habita a fibra como presença que subverte a lógica da imagem; seu inclinar-se materializa uma soberania validada no cuidado e na abertura. O saber torna-se bênção transversal, tensionando a distância entre observador e território para revelar que o projeto mais sofisticado não reside na forma final, mas na ética do respeito e no reconhecimento da humanidade alheia.



Figura 9. Zelo perpetuador: o saber que abençoa. Cianotipia em papel gramatura 300g/m². Fonte: Produção autoral (2025).

O Despertar da Margem

A imersão no território exige a abdicação da métrica urbana. Após doze quilômetros de incursão pela Flona Tapajós, a floresta revela sua tecnologia de camuflagem: uma borboleta que desafia a percepção a distinguir onde termina a vida e onde começa a textura do tronco. Na cianotipia, essa simbiose torna-se rastro tátil; o papel absorve a geometria do instante e a umidade da mata, lembrando que a beleza reside na paciência do olhar atento. Na antessala da floresta, o tempo suspende-se: o registro da alvorada captura a massa humana em prontidão, onde a tecnologia do estrangeiro curva-se à majestade do rito ancestral que prepara o corpo para o esforço de encontrar o eixo da tradição.

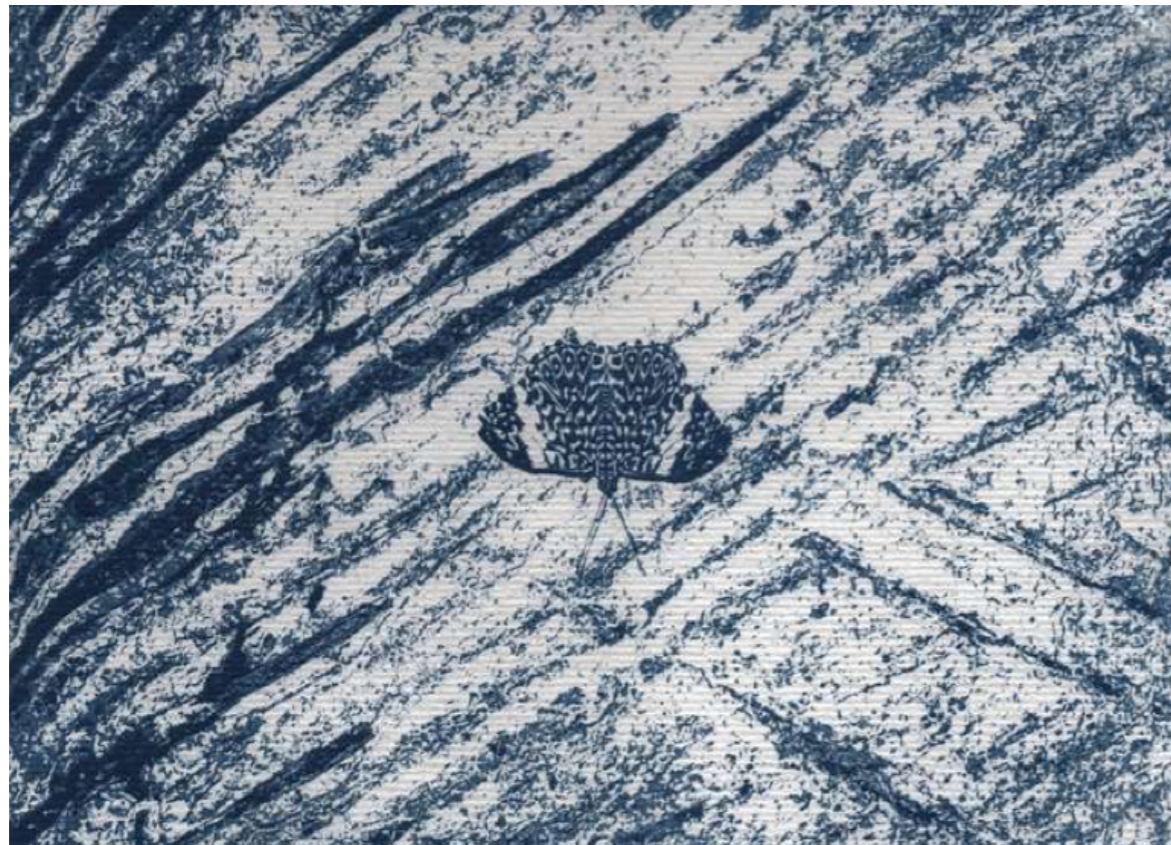


Figura 10. A Camuflagem do Ser: o silêncio do igarapé. Cianotipia em papel gramatura 300g/m².
Fonte: Produção autoral (2025).



Figura 11. O sagrado observado pelo contemporâneo. Cianotipia em papel gramatura 300g/m².
Fonte: Produção autoral (2025).

A Inscrição do Agora



Figura 12. O Levante da Tradição: a síntese do rastro. Cianotipia em papel gramatura 300g/m².
Fonte: Produção autoral (2025).

O percurso culmina no instante em que a tradição se impõe como levante soberano, onde o Sairé emerge não como espetáculo, mas como **biointeração** que subverte a técnica para habitar o corpo de quem presencia. Ao final desta cartografia têxtil, a cianotipia consolida-se como memória impregnada; um manifesto visual de que a prática contemporânea deve reconhecer a autonomia dos saberes que sustentam a margem e regem o próprio tempo. O que se retém na porosidade da fibra não é uma mera imagem, mas o resíduo de um território que aceita ser compartilhado através da **mandinga da luz** e do respeito. Esta última inscrição atesta que o rastro mais profundo não está no papel, mas na reorientação ética de um olhar que agora compreende o território como a tecnologia mais sofisticada da resistência.

Considerações Finais

A jornada pelo Pará, sintetizada nestas doze inscrições, demonstra que o fazer projetual é, antes de tudo, um exercício de mediação e escuta ativa que exige o abandono da soberania técnica. Pela cianotipia, o suporte deixou de ser passivo para se tornar pele; o rastro deixou de ser apenas visual para se tornar tátil e político. Aqui, a Cartografia Têxtil revela sua dimensão subjetiva: ela não é um método de captura, mas uma disciplina de design para a autonomia, conforme articulado por Arturo Escobar, onde a imagem é tecida na relação direta com as forças e vontades do território.

Este percurso forçou uma desaprendizagem necessária. Ao habitar a fronteira da “guerra geossocial” proposta por Hilan Bensusan, o compromisso ético de projetar com o território torna-se a via para uma prática que se pretenda crítica. As obras, digitalizadas para expor suas ranhuras e imperfeições físicas, materializam a confluência defendida por Nego Bispo: o ponto onde a técnica e o rito não se anulam, mas reexistem como uma tecnologia de insurgência e preservação.

O que retorna do Tapajós não é um portfólio de imagens, mas a constatação de que o saber tradicional opera em uma complexidade técnica que o design acadêmico apenas começa a tatear. A responsabilidade agora reside em garantir que essa memória não seja consumida como mera estética, mas respeitada como a autoridade intelectual que agora tensiona e reorienta permanentemente este fazer.

Referências

- Bensusan, H. (2020). *A guerra geossocial*.
Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.
Escobar, A. (2018). *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Duke University Press.